

ARTICULAÇÃO

HUMANAS

MARÇO | 2023 EDIÇÃO Nº 1

FOME:
UM CONCEITO A ESCLARECER,
UM DRAMA A SUPERAR

Bem-vindo ao Articulação Humanas

INSTRUÇÕES DE USO

- Clique nos elementos com o ícone  para acessar conteúdos extras
- Clique nos elementos com o ícone  para acessar as respostas das questões
- Palavras em **destaque** possuem conteúdo extra que pode ser acessado ao ser clicado
- Todos os sites citados possuem hiperlink e podem ser acessados com um click sobre ele
- Você pode navegar pelas páginas através do Sumário ou pela barra superior de navegação



INICIAR

MARÇO | 2023 EDIÇÃO Nº 1

BNCC 

FIQUE
SA
BEN
DO!

DIÁ
LOGO

ABERTO

INFO
GRÁ
FICO

REFLE
XÃO

NA PRÁTICA

EXPE
DIENTE

ARTI
CULA
ÇÃO

HUMANAS

MARÇO | 2023 EDIÇÃO Nº 1

BNCC

**FOME:
UM CONCEITO A ESCLARECER,
UM DRAMA A SUPERAR**



FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



A **FIQUE SABENDO!**

Relatório da ONU: Números globais de fome subiram para cerca de 828 milhões em 2021

B **FIQUE SABENDO!**

Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas

C **FIQUE SABENDO!**

Não passo fome, mas tem dia que não tenho o que comer

D **FIQUE SABENDO!**

O combate à fome passa por boas políticas públicas



**FOME:
UM CONCEITO A ESCLARECER,
UM DRAMA A SUPERAR**

MARÇO | 2023 EDIÇÃO Nº 1

BNCC



Relatório da ONU: Números globais de fome subiram para cerca de 828 milhões em 2021

[...]

O número de pessoas afetadas pela fome globalmente subiu para cerca de 828 milhões em 2021, um aumento de cerca de 46 milhões desde 2020 e 150 milhões desde 2019, segundo relatório das Nações Unidas que fornece novas evidências de que o mundo está se afastando cada vez mais de seu objetivo de acabar com a fome, a insegurança alimentar e a má nutrição em todas as suas formas até 2030.

[...]

— Cerca de 828 milhões de pessoas foram afetadas pela fome em 2021 — 46 milhões a mais em relação ao ano anterior e 150 milhões a mais desde 2019.

— Depois de permanecer relativamente inalterada desde 2015, a proporção de pessoas afetadas pela fome saltou em 2020 e continuou a aumentar em 2021, para 9,8% da população mundial, em comparação com 8% em 2019 e 9,3% em 2020.

[...]

— Olhando para o futuro, as projeções são de que cerca de 670 milhões de pessoas (8% da população mundial) ainda enfrentarão a fome em 2030 — mesmo que uma recuperação econômica global seja levada em consideração. Esse é um número semelhante ao de 2015, quando a meta de acabar com a fome, a insegurança alimentar e a desnutrição até o final desta década foi lançada no âmbito da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

[...]

RELATÓRIO da ONU: Números globais de fome subiram para cerca de 828 milhões em 2021. **Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-numeros-globais-de-fome-subiram-para-cerca-de-828-milhoes-em-2021>. Acesso em: 16 fev. 2023.



B

Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas

[...]

A escalada da fome no Brasil está expressa em pratos cada vez mais vazios, olhares cada vez mais preocupados, e números em permanente e rápida ascensão. Em 2022, 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer. É o que revela o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da covid-19 no Brasil [...].

São 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome em pouco mais de um ano. A edição recente da pesquisa mostra que mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau — leve, moderado ou grave (fome). O país regrediu para um patamar equivalente ao da década de 1990.

[...]

A pesquisa anterior, de 2020, mostrava que a fome no Brasil tinha voltado para patamares equivalentes aos de 2004. A continuidade do desmonte de políticas públicas, a piora no cenário econômico, o acirramento das desigualdades sociais e o segundo ano da pandemia da covid-19 tornaram o quadro desta segunda pesquisa ainda mais perverso.

[...]

No Brasil de 2022, apenas 4 em cada 10 domicílios conseguem manter acesso pleno à alimentação — ou seja, estão em condição de segurança alimentar. Os outros 6 lares se dividem numa escala, que vai dos que permanecem preocupados com a possibilidade de não ter alimentos no futuro até os que já passam fome. De acordo com o 2º Inquérito, em números absolutos, são 125,2 milhões de brasileiros que passaram por algum grau de insegurança alimentar. É um aumento de 7,2% desde 2020, e de 60% em comparação com 2018.

FOME avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas. **Oxfam Brasil**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/fome-avanca-no-brasil-em-2022-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FOME:
UM CONCEITO A ESCLARECER,
UM DRAMA A SUPERAR



C

“Não passo fome, mas tem dia que não tenho o que comer”

Muitas vezes, pensamos na fome como a falta quase completa de alimentos, que pode atingir áreas assoladas por flagelos como a seca ou a guerra, ou regiões e países muito pobres. Mas a fome pode ter muitas nuances. Ser obrigado a pular uma refeição ou a ficar um ou alguns dias sem comer por não ter alimentos ou não ter como comprá-los; comer apenas arroz ao longo de vários dias por não ter mais nada o que cozinhar em casa; não jantar para deixar a comida para os filhos — isso não é fome? Com suas várias faces, o fenômeno da fome está mais difundido na sociedade do que costumamos pensar, e faz parte da vida de muitas pessoas que, embora tenham algum acesso a alimentos, convivem com a angústia de não poder comer o quanto necessitam e de não saber se terão comida para alimentar a si e a sua família. Assista à **parte 1** e à **parte 2** da videorreportagem sobre “fome oculta” e conheça essa realidade enfrentada por famílias da cidade de São Paulo, a mais rica do Brasil.

FOME:
UM CONCEITO A ESCLARECER,
UM DRAMA A SUPERAR

EXPE
DIENTE

HUMANAS

MARÇO | 2023 EDIÇÃO Nº 1

BNCC



D

O combate à fome passa por boas políticas públicas

Em 2014, o relatório elaborado anualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o estado da fome no mundo trazia uma boa notícia para o Brasil: o país havia saído do rol daqueles mais gravemente afetados por esse fenômeno no planeta. No entanto, diversos institutos e organizações dedicados ao tema mostram que, nos últimos anos, não apenas os avanços na área desaceleraram, como a fome no Brasil retornou a patamares equivalentes aos da década de 1990. As crises econômicas, a pandemia de covid-19 e mesmo a guerra da Ucrânia são apontados como fatores recentes que agravam esse quadro, mas a boa condução de políticas públicas adequadas é indispensável para o combate à fome. **Nesta reportagem**, você pode conhecer diversas análises e propostas dos senadores brasileiros sobre o tema, como o apoio à agricultura familiar, o reforço da merenda escolar, o combate ao desperdício de alimentos, a gestão de estoques alimentares e programas de distribuição de renda.

FOME:
UM CONCEITO A ESCLARECER,
UM DRAMA A SUPERAR



V

Fome: como definir e medir esse fenômeno social

Qualquer pessoa que já tenha visto uma peça de divulgação do trabalho de agências humanitárias pelo mundo provavelmente não duvidaria de que a fome é um flagelo que ainda hoje merece atenção. Apesar do expressivo aumento da produtividade agrícola a partir da segunda metade do século XX, a fome é uma realidade mesmo em países com economias prósperas. A Índia, por exemplo, que de acordo com o Banco Mundial está entre as dez maiores economias do mundo, tem mais de 220 milhões de habitantes desnutridos, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Com a deflagração da pandemia de covid-19, que se difundiu pelo planeta em 2020 e abalou as economias do mundo inteiro, o problema se agravou ainda mais.

No mundo todo, diversos órgãos se dedicam, em diferentes escalas e com objetivos diversos, a tentar compreender o fenômeno da fome. A ONU é um deles: todo ano, a entidade publica um estudo de escala mundial sobre o tema.

Seu relatório referente a 2021 revelou a existência de mais 828 milhões de pessoas desnutridas no planeta, e cerca de 2,3 bilhões de seres humanos vivendo em estado de insegurança alimentar moderada ou grave.

Mas insegurança alimentar e desnutrição são a mesma coisa? E ambas são o mesmo que fome? Como se define um nível mais moderado ou mais grave para o fenômeno da fome? E será que esse fenômeno sempre corresponde à imagem que nos ocorre quando pensamos em populações em situação de emergência humanitária? Como, em um mundo de abundância, pode persistir em tão grande escala uma carência tão essencial?



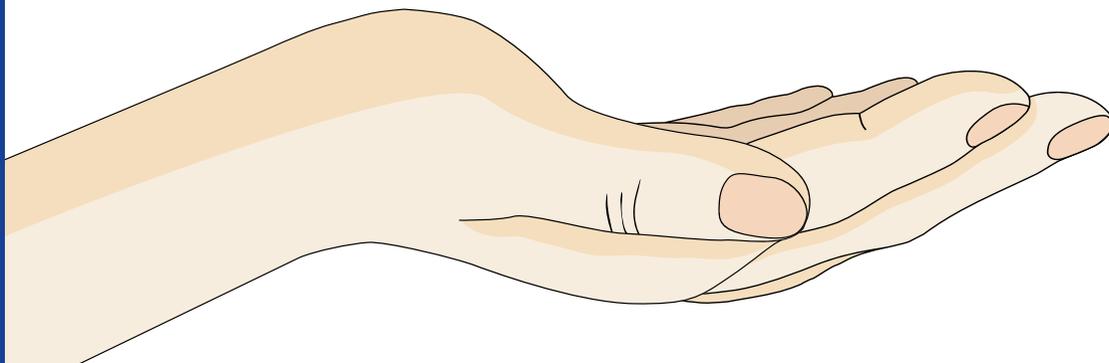
Distribuição de alimentos a pessoas necessitadas, em Nova Délhi, na Índia, em 2020. Segundo a ONU, a Índia é o país com a maior população absoluta subalimentada do mundo: 224,3 milhões de pessoas.

Da polissemia da palavra à construção do conceito

Quando procuramos compreender o que é a fome, que processos são responsáveis por sua existência e que efeitos ela produz sobre os indivíduos e a sociedade, um primeiro obstáculo que precisamos superar diz respeito aos termos utilizados para nos referirmos a esse fenômeno. Afinal, a clareza da comunicação depende, entre outras coisas, da compreensão do sentido dado às palavras ou aos conceitos. Assim, em primeiro lugar, devemos reconhecer que a palavra “fome” é cotidianamente empregada com sentidos muito diferentes. Em seguida, devemos identificar e distinguir os diferentes conceitos de fome utilizados pelos pesquisadores que se dedicam ao tema.

Reconhecer que a palavra “fome” é polissêmica, ou seja, que existem vários sentidos ou significados para ela, é um bom ponto de partida para iniciar um debate mais aprofundado sobre esse fenômeno. No cotidiano, tal palavra pode ser utilizada em contextos muito diferentes: pode nomear nossa vontade de comer, como quando alguém diz estar sentindo fome próximo ao horário de uma refeição; ou pode designar algo muito diverso, por exemplo, uma ambição ou desejo intenso, como na expressão “fome de poder”. Em geral, essa polissemia não provoca grandes confusões, pois é possível compreender o sentido dado à palavra pelo contexto no qual ela foi utilizada. Ao ouvir que um jogador de futebol tem “fome de gols”, ninguém entenderia que ele está se alimentando mal.

Se deixarmos de lado os usos metafóricos da palavra, podemos admitir que a fome é um fenômeno ligado à falta de alimentos. Porém essa primeira definição é insuficiente, pois não distingue situações concretamente muito diferentes: a sensação de fome que sentimos quando ficamos algumas horas sem comer (e que poderíamos chamar de apetite) é completamente diferente da situação vivida por pessoas que com frequência se alimentam de maneira insuficiente ou que não se alimentam por vários dias. Portanto, podemos notar que, mesmo na linguagem cotidiana, há uma diferença entre “sentir fome” e “passar fome”.



Temos aqui uma primeira distinção importante. Todos nós já experimentamos a sensação de “sentir fome”, mas o que significa “passar fome”? Depois de quanto tempo sem ingerir alimentos uma pessoa é considerada faminta? Pessoas que ingerem alimentos todos os dias também podem ser consideradas famintas? Em suma, qual a definição de fome e como podemos estimar a quantidade de famintos no Brasil e no mundo?

Não existe uma única resposta para essas perguntas, pois mesmo entre pesquisadores não há consenso sobre o que é

fome. Para alguns, a fome é um fenômeno que está restrito a situações gravíssimas, quando as pessoas estão prestes a morrer por conta da falta de alimentos. Para outros, ela está associada a uma dieta deficiente, pobre em nutrientes e em calorias, que não necessariamente leva a óbito. Aqui, já não se trata de um problema relacionado à polissemia da palavra, mas da coexistência de diferentes compreensões desse fenômeno.

Pode parecer estranho não haver uma única definição do que é fome, mas na verdade é exatamente em torno das diferentes formas de definir e mensurar os fenômenos que se dá boa parte do debate científico e da produção de conhecimento. Nesse debate, entram em cena não apenas argumentos de ordem técnica, mas também a visão de mundo dos interlocutores, seu posicionamento ético e político, ou seja, a forma como eles se posicionam diante das questões enfrentadas pela sociedade. Em outras palavras, a ciência não se resume à aplicação de técnicas para decidir o que é verdadeiro ou falso. Ela também é um campo de escolhas e disputas no qual diferentes tendências se confrontam. Assim, se não existe uma única definição do que é a fome, cabe a cada um de nós conhecer as definições já produzidas e nos posicionar diante delas.



Voluntário colabora na preparação de cestas básicas para pessoas necessitadas durante quarentena para prevenção do contágio de covid-19, em Recife (PE), em 2020. Com as dificuldades sanitárias e econômicas colocadas pela pandemia, a fome se agravou em muitos lugares do mundo, sobretudo naqueles com políticas de assistência menos bem estruturadas.

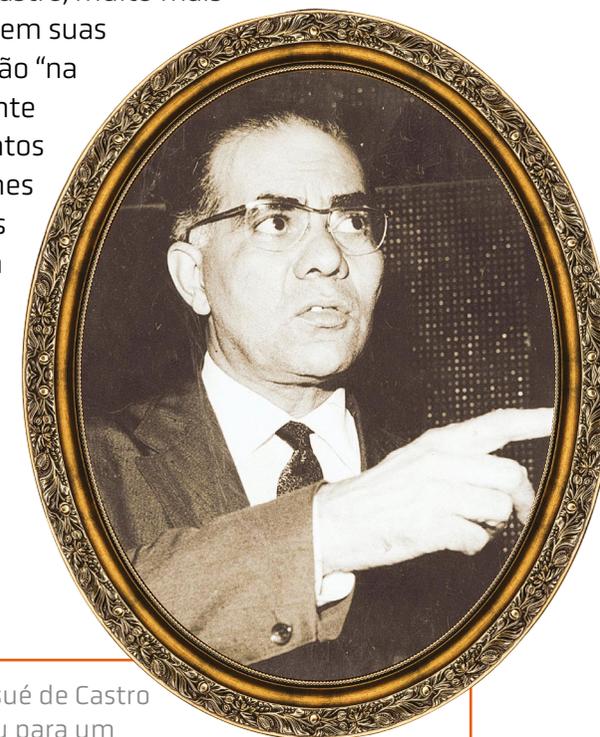
Fome total e fome parcial: uma contribuição de Josué de Castro

Um marco importante na história do pensamento sobre a fome como fenômeno social é o trabalho realizado pelo médico e geógrafo brasileiro Josué de Castro (1908–1974), que, em 1946, apresentou em seu livro **Geografia da fome** um conceito de fome que se tornou referência dentro e fora do ambiente acadêmico. Por meio de seus estudos, o pensador contrariou o senso comum da época, que associava a fome no Brasil à quase total falta de alimentos em áreas sob calamidade.

No processo de pesquisa que levou à formulação desse conceito, o autor concluiu que, em termos nutricionais, nossa alimentação deve ser ao mesmo tempo suficiente, completa e harmônica. Isto é, precisa fornecer de maneira equilibrada energia (calorias), macronutrientes (carboidratos, gorduras e proteínas) e micronutrientes (minerais e vitaminas) necessários ao nosso metabolismo.

Assim, pessoas submetidas a condições extremas, que passam dias ou mesmo semanas sem se alimentar — portanto não obtêm a energia de que necessitam para sobreviver —, estariam sujeitas ao que ele chamou de fome total. Essa situação, próxima do estágio de inanição, leva à morte se não for rapidamente revertida.

Contudo, para Josué de Castro, muito mais frequente e muito grave em suas consequências é a situação “na qual, pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias” — uma condição denominada pelo autor de fome parcial.



Com seus estudos, Josué de Castro não apenas contribuiu para um entendimento mais aprimorado do fenômeno da fome, mas se contrapôs a interesses econômicos nacionais e internacionais que trabalhavam para dissimular a existência desse fenômeno, propondo que o modelo socioeconômico gerador de desigualdade era incapaz de garantir uma alimentação adequada a todos.

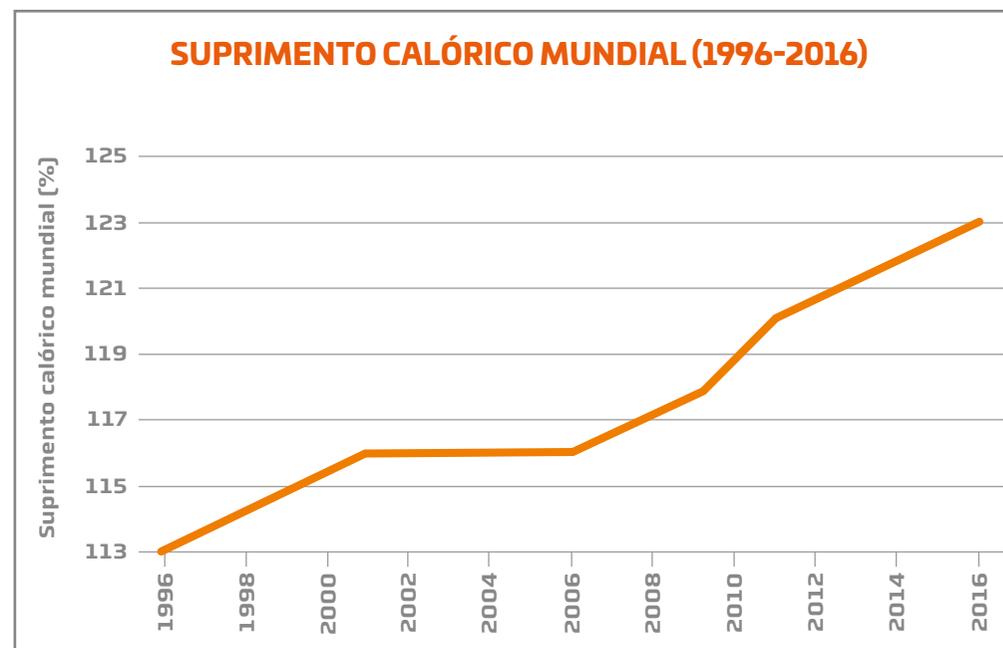


Com base nesses conceitos, Josué de Castro denunciou a existência, à época, de três grandes áreas de fome no território brasileiro: a Amazônia, a Zona da Mata do Nordeste e o Sertão nordestino. Enquanto as duas primeiras seriam caracterizadas pela presença endêmica (constante) da fome parcial, a última sofreria com epidemias de fome total. Assim, seus estudos revelaram que, no Brasil, o fenômeno da fome não estava restrito aos períodos de secas prolongadas que atingiam o Sertão nordestino, havendo áreas nas quais as pessoas passavam às vezes toda a vida tendo acesso a uma alimentação insuficiente, incompleta e desarmônica. Portanto, vivendo em um permanente estado de fome.

Os estudos de Josué de Castro foram importantes para desconstruir a ideia de que a fome era um problema ligado a situações de calamidade, como a seca no Semiárido brasileiro. Embora diferentes tipos de flagelo possam mesmo criar situações dramáticas de fome, a falta de acesso a alimentos em quantidade e qualidade suficientes para as necessidades humanas vai muito além desses contextos.

O trabalho de Josué de Castro também foi importante no que diz respeito às concepções relacionadas à possibilidade de superação da fome.

O estudioso propôs que a superação da fome passaria pela desconstrução de alguns mitos que naturalizavam sua existência. Assim, ele se contrapôs, por exemplo, aos argumentos malthusianos que até hoje consideram a fome decorrência de um exagerado crescimento demográfico. Ele compreendeu que a fome não era resultado da produção insuficiente de alimentos, mas de relações socioeconômicas criadoras de uma profunda desigualdade, a qual impede que uma parcela expressiva da população tenha acesso aos alimentos produzidos.



Fonte dos dados: FAO apud IANDOLI, Rafael. Mundo produz comida suficiente, mas fome ainda é uma realidade. **Nexo**, 2 set. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Em termos de fornecimento energético (calorias), que é um dos critérios utilizados para medir a fome, a produção de alimentos mundial já seria suficiente para alimentar aproximadamente toda a humanidade e mais um quarto. Desde meados do século XX, dados mostram que a produção de alimentos seria suficiente para erradicar a fome do mundo, o que não ocorre por razões socioeconômicas.

Dos dados antropométricos à experiência da fome

A distinção entre a fome total e a fome parcial permeia até hoje o debate sobre o fenômeno, no Brasil e no mundo. Com os avanços dos conhecimentos sobre a nutrição humana, muitos pesquisadores puderam mostrar os impactos sobre a saúde física e mental de uma alimentação insuficiente (com *déficit* de calorias) e incompleta (com *déficits* de minerais e vitaminas). Está demonstrado, por exemplo, que pessoas que convivem com a fome parcial (ou com o receio de que os alimentos venham a faltar em breve) estão mais sujeitas a sofrer com ansiedade e depressão, e que o comprometimento da alimentação nos primeiros anos de vida provoca efeitos irreversíveis sobre o crescimento (estatura) e sobre o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Porém, tanto no senso comum quanto para uma parcela dos pesquisadores, a fome ainda permanece como sinônimo de fome total. É o caso daqueles que ainda entendem como faminta apenas a pessoa que já está muito magra, isto é, que apresenta um peso significativamente abaixo do esperado para a altura. Para quem pensa assim, a forma mais adequada de calcular o número de famintos no mundo é por

meio do levantamento de dados antropométricos (peso e altura), estimando-se então a quantidade de pessoas que apresentaram índice de massa corporal (IMC) abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Vale dizer que isso significa identificar a existência da fome apenas quando ela já produziu efeitos diretamente mensuráveis sobre a constituição física dos indivíduos.

Pessoas recebem doações de refeições em São Paulo (SP), em 2020. Muito antes de as consequências da fome poderem ser observadas nas medidas corporais de uma pessoa, a experiência de não poder se alimentar suficientemente (ou mesmo de não saber se isso poderá ser feito em futuro próximo) tem efeitos sobre a saúde física e mental desse indivíduo. Para atender a população afetada, é importante que as políticas públicas sejam capazes de apreender a fome em suas diversas gradações.



Atualmente, a forma mais conhecida para se mensurar a fome no mundo é a adotada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Utilizando dados sobre produção e consumo de alimentos em um país, e tomando como base a necessidade de aproximadamente 1 800 kcal diárias por indivíduo, a entidade calcula um indicador denominado “prevalência de desnutrição”, que contabiliza as pessoas cuja alimentação foi, durante pelo menos um ano, insuficiente para fornecer essa quantidade diária de energia. Os resultados obtidos são publicados anualmente em seu relatório **O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo**, e todos os países que apresentam mais de 5% da população nessa condição são incluídos no Mapa da Fome da ONU.

Os dados e os métodos utilizados pela FAO para estimar a dimensão da fome no mundo conquistaram um *status* de medida oficial, tendo o mérito de fazer uma mensuração regular do fenômeno em escala planetária. Mas eles não são imunes a críticas: muitos pesquisadores entendem que esse indicador apresenta ao menos três problemas graves. O primeiro deles é tomar como parâmetro, para definir as necessidades calóricas, um estilo de vida sedentário — que requer um número menor de calorias do que, por exemplo, aquele requerido pelo cotidiano de um camponês ou de um trabalhador braçal.

O segundo é adotar como tempo de referência o período de um ano, o que encobre o impacto de episódios mais curtos de fome. E o terceiro é considerar apenas a ingestão de calorias, sem considerar outros dados relativos à qualidade dos alimentos consumidos.

Em linhas gerais, é possível afirmar que tanto o método que utiliza dados antropométricos, quanto o que enfoca a privação de energia tendem a mensurar aquilo que Josué de Castro classificou como fome total. Assim, no início dos anos 1990, pesquisadores

estadunidenses preocupados com o aumento da fome em seu país na década anterior criaram um método de mensuração baseado na percepção das próprias pessoas envolvidas. Esses pesquisadores consideravam os métodos citados anteriormente incapazes de captar o fenômeno da fome nos Estados Unidos, uma vez que ali a fome total havia sido praticamente erradicada, persistindo, no entanto, a fome parcial.

Para captar as experiências que indicam a presença da fome em um domicílio, eles criaram um questionário sobre a frequência com que as pessoas passam por situações como ter de reduzir o tamanho das refeições, ser obrigadas a pular refeições ou mesmo ficar um dia inteiro sem comer. Com esses dados, criaram uma escala de insegurança alimentar: quanto mais experiências verificadas em um domicílio, mais grave é a situação de insegurança alimentar. De acordo com esse método, serão considerados domicílios com presença de fome aqueles em situação de insegurança alimentar moderada e grave.

Essa é a principal metodologia capaz de mensurar a fome em grandes populações, de maneira rápida, sem grandes custos, e sem desconsiderar a fome parcial. Empregada desde a década de 1990 pelo governo dos Estados Unidos para monitorar a insegurança alimentar no país, ela passou a ser adotada também por outros governos e instituições.

É importante observar que as diferentes metodologias produzem resultados diversos. Desde que a FAO desenvolveu e passou a utilizar sua Escala de Experiência em Insegurança Alimentar ficou evidente que os dados obtidos por meio do “indicador de desnutrição” tendem a subdimensionar o tamanho do fenômeno. Como citado anteriormente, em 2021 havia 828 milhões de pessoas desnutridas no planeta e cerca de 2,3 bilhões de seres humanos vivendo em estado de insegurança alimentar moderada ou grave.

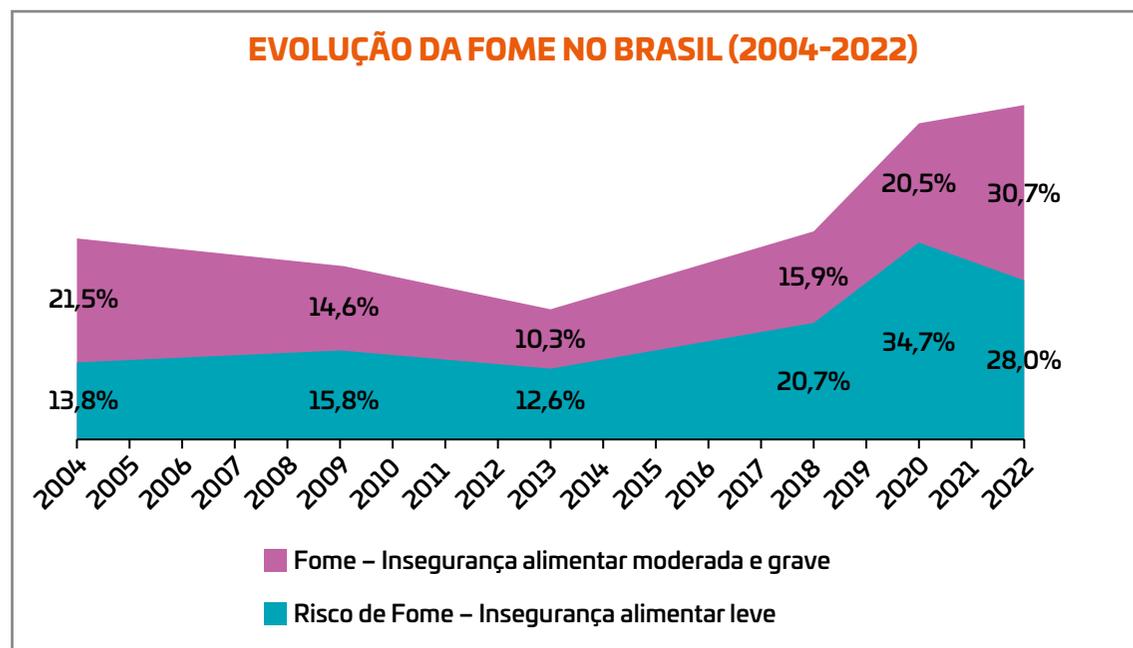
A existência de números oficiais tão discrepantes causa muita confusão entre aqueles que não reconhecem as diferenças nas formas de se definir e mensurar o fenômeno. Recorrendo uma vez mais aos conceitos de Josué de Castro, podemos dizer que o “indicador de desnutrição” da FAO mede a quantidade de pessoas que se aproximam da fome total, enquanto os dados obtidos com essa nova metodologia permitem mensurar a fome em suas várias formas e gradações.

Entre 2003 e 2004, uma equipe de pesquisadores reunidos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) realizou um estudo de validação dessa metodologia para a realidade brasileira, criando assim a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (Ebia).

Desde então, essa metodologia foi utilizada em alguns estudos para calcular o número de pessoas em situação de insegurança

alimentar e fome no Brasil. Entre 2004 e 2018, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aplicou a Ebia em quatro ocasiões, enquanto a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) utilizou-a em dois estudos realizados durante a pandemia de covid-19. Graças a esses levantamentos, hoje conseguimos ter um quadro da evolução da insegurança alimentar e da fome no Brasil.

Os dados publicados revelam que entre 2004 e 2013 houve uma queda na proporção de pessoas em situação de insegurança alimentar de aproximadamente 35% para 23%. No entanto, essa tendência se reverteu e, em 2018, mais de 36% da população estava submetida a algum grau de insegurança alimentar. Esse quadro ficou ainda pior no contexto da pandemia: em 2022, quase 60% da população estava em insegurança alimentar, sendo que mais de 30% em seus dois níveis mais graves.



Fonte dos dados: PENSSAN, Rede. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert e Rede PENSSAN, 2022. Organizado pelo autor.

A fome ainda é um drama a ser superado

A coexistência de diferentes maneiras de definir e mensurar a fome revela que esse é um fenômeno complexo, mas isso não significa que devemos aceitar de maneira acrítica ou passiva todas as posições que se manifestam no debate. Definições mais precisas, que dão visibilidade às pessoas impedidas de se alimentar adequadamente, nos ajudam não apenas a compreender melhor esse fenômeno, como permitem a criação de métodos de mensuração que possibilitam o monitoramento da fome e a organização de ações e políticas dedicadas a combatê-la.

Ao fim da análise, fica claro que, em meio a terminologias variadas — como fome, desnutrição, insegurança alimentar — e a diferentes abordagens e métodos de cálculo, existe hoje no Brasil e ao redor do mundo um contingente significativo de pessoas que enfrentam dificuldades para obter a mínima alimentação necessária para sua sobrevivência e sua dignidade. Em um mundo que produz alimentos suficientes para todos, essa constatação nos coloca diante de um importante dilema humanitário. ▀



Sobre o autor

< **José Raimundo Sousa Ribeiro Junior** é professor adjunto da Universidade Federal do ABC (UFABC).

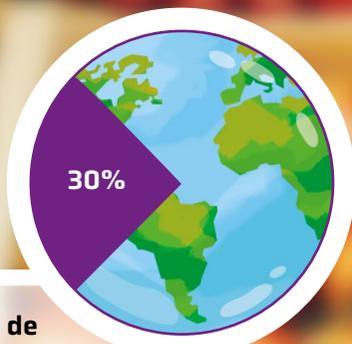
Mestre e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP).

Entre 2019 e 2021, foi professor visitante do Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), tendo atuado no Centro de Práticas e Pesquisas em Alimentação e Nutrição Coletiva (CPPNAC). É coautor do **Atlas das situações alimentares no Brasil**, lançado em 2021. Desde janeiro de 2019, atua como representante da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Seção São Paulo) no Conselho Municipal de Segurança Alimentar (Comusan-SP).

INFO GRÁFICO



O planeta está com fome?



Cerca de 828 milhões de pessoas foram afetadas pela fome em 2021.

Cerca de 2,3 bilhões de pessoas no mundo estavam em insegurança alimentar moderada ou grave.

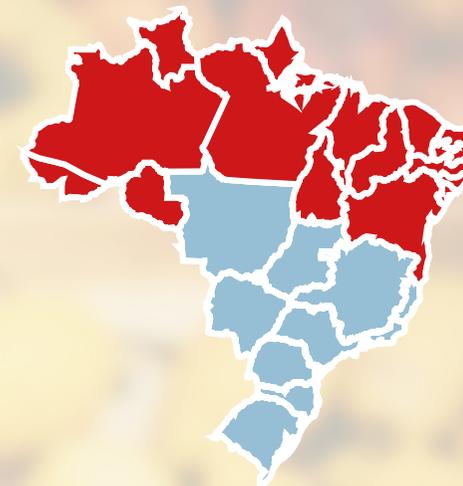
ISSO SIGNIFICA QUASE 30% DA POPULAÇÃO MUNDIAL!

31,9% das mulheres tinham insegurança alimentar moderada ou grave, em comparação com 27,6% dos homens.

Dados da edição de 2022 do relatório **Situação da segurança alimentar e nutricional no mundo**, da Organização das Nações Unidas.



#MeuPaísSemFome



No Brasil 125,2 milhões estão em insegurança alimentar.

33 MILHÕES EM SITUAÇÃO DE FOME

O Norte e o Nordeste concentram o maior percentual de famílias em situação de fome.

Dados do **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia de covid-19 no Brasil**, da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede Penssan).

Em outubro, é comemorado o **Dia Mundial da Alimentação**.

E não, não é óbvio falar sobre fome e insegurança nutricional.

É necessário.



- A fome como questão social
- O conceito de fome: fome total e fome parcial
- Josué de Castro e a geografia da fome
- A mensuração da fome
- Fome e insegurança alimentar
- Estado da insegurança alimentar no Brasil e no mundo

Debate e reflexão

A insegurança alimentar em diferentes recortes da população brasileira

Assim como outros problemas sociais, a insegurança alimentar e a fome não se distribuem de maneira homogênea nem no interior da sociedade, nem no território que ela ocupa. Diferenças de renda, local do domicílio (rural ou urbano), gênero e raça afetam a quantidade e a qualidade da alimentação das pessoas.

Para compreendermos melhor como esse problema ocorre na sociedade brasileira, podemos recorrer aos dados disponibilizados pela Rede Penssan. Após a formação de pequenos grupos de trabalho, propõe-se a realização de procedimentos de análise e interpretação desses dados, seguidos da divulgação dos resultados obtidos. Sugerem-se algumas etapas para viabilizar o trabalho:

- Acesse e leia o conteúdo do site **Olhe para a fome** [disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>] e em seguida baixe o arquivo com o II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (II Vigisan).
- Após a leitura, baixe o arquivo com o II Vigisan e analise as tabelas 1, 2 e 3 e as figuras 7 e 8.
- A análise das tabelas e figuras pode ser feita coletivamente, procurando compreender cada dado e discutindo os entendimentos e interpretações de cada um.
- É útil fazer um registro dos entendimentos e interpretações do grupo, apontando os elementos que parecem mais importantes ou que mais chamaram a atenção.
- Após essa primeira análise das tabelas e figuras, é o momento de iniciar o trabalho de sistematização das interpretações, por meio de materiais gráficos e textos. Para isso, cada grupo pode se concentrar em explorar a relação entre segurança alimentar e um dos recortes abaixo:
 - a) faixa etária;
 - b) gênero (homens e mulheres);
 - c) cor ou raça;
 - d) situação do domicílio (rural ou urbano);
 - e) classes de rendimento domiciliar *per capita*.
- Sugere-se a cada grupo que produza cartazes com tabelas, gráficos, imagens (que podem ser pesquisadas na internet, em materiais impressos ou mesmo produzidas pelos estudantes) e pequenos textos que auxiliem o público a entender seu conteúdo. O conjunto dos cartazes pode compor uma exposição temática na escola, e toda a comunidade escolar pode ser convidada a visitá-la.



No vestibular

[Unicamp]



“Acontece, porém, que a verdade sobre a fome incomoda os governos e fere as suscetibilidades patrióticas e, por isso mesmo, são frequentemente vedadas ao grande público, pelas respectivas censuras políticas.

[...] Será a calamidade da fome um fenômeno natural, inerente à própria vida, uma contingência irremovível como a morte? Ou será a fome uma praga social criada pelo próprio homem?”

[CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 2ª ed., 1953.]

“Vivemos em um país que produz muito alimento e tem muita gente passando fome. Para além do escândalo ético, isso é uma aberração em termos de organização econômica e social. No plano moral, beira o criminoso: são 33 milhões de pessoas famintas, enquanto exportamos e produzimos mais de três quilos, só de grãos, por pessoa por dia.”

[DOWBOR, Ladislau. Fome, uma decisão política e corporativa. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs.). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 181.]

Insegurança alimentar no Brasil

% da população



Fonte: IBGE. *Pesquisa "Alimento para Justiça"

- Para Josué de Castro, há poucos debates sobre a fome. Por que a questão da fome é ocultada dos debates contemporâneos? A insegurança alimentar é uma questão moral e política? A partir dos textos, justifique suas respostas.
- Cite um aspecto histórico e um social que explicam a existência da fome no Brasil. Analise, a partir do gráfico, o que houve com a questão da insegurança alimentar no país, desde o início do século XXI.

Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor de Conteúdo e Negócios

Cayube Galas

Diretor Adjunto de Sistema de Ensino

Júlio Ibrahim

Gerente de Conteúdo

Alessandra Naomi Oskata

Editora

Amanda Bonuccelli Voivodic

Editora Assistente

Carolina Massaia de Paula

Coordenador de Eficiência e Analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de Fluxo e Qualidade

Letícia Bovolon Bezerra

Assistente de Fluxo

Kathryn Fernanda de Souza

Coordenadora de Preparação, Revisão e Qualidade

Adriana Soares de Souza

Assistente Editorial

Carolina Genúncio

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenadora de Imagem e Texto

Marcia Berne

Imagem e Licenciamento

Equipe FTD

Coordenador de Produção e Arte

Fabiano dos Santos Mariano

Supervisor de Produção e Arte

Pedro Gentile

Projeto Gráfico

Bruno Attili
Carlos Feitosa Ferreira

Editora de Arte

Adriana Maria Nery de Souza

Crédito das imagens e vídeos

[capa] Inspiring/Shutterstock.com, Editoria de Arte; [p.2] Sandeep Jeengar/Shutterstock.com; [p.3] nicemyphoto/Shutterstock.com; [p.4] Juliana F Rodrigues/Shutterstock.com; [p.5] Blueastro/Shutterstock.com, jocic/Shutterstock.com, Última Hora/Folhapress; [p.6] Editoria de arte; [p.7] Celso Pupo/Shutterstock.com; [p.9] Vanessa Novais; [p.10] Arquivo Pessoal; [p.11] StunningArt/Shutterstock.com, Ilustra Cartoon, Editoria de arte